

European Union Programme for Education, Training, Youth and Sport 2014 – 2020

Type of the Project: Strategic Partnership in School Education, Key Action 2

Agreement Number of the project: 2018-1-RO01-KA201-049310

The title of the project: "Embracing European Values through Tales"

PORTUGAL – TRADITIONAL TALE

NATIONAL LANGUAGE

O CALDO DE PEDRA

Conto Tradicional Português

Um frade andava ao peditório; chegou à porta de um lavrador, mas não lhe quiseram aí dar nada. O frade estava a cair com fome, e disse:

– Vou ver se faço um caldinho de pedra. E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôs-se a olhar para ela para ver se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pôs-se a rir do frade e daquela lembrança. Diz o frade:

– Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa. Responderam-lhe:

– Sempre queremos ver isso.

Foi o que o frade quis ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse:

– Se me emprestassem aí um pucarinho.

Deram-lhe uma panela de barro. Ele encheu-a de água e deitou-lhe a pedra dentro.

– Agora se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas. Deixaram. Assim que a panela começou a chiar, disse ele:

– Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

Foram-lhe buscar um pedaço de unto. Fervêz, fervêz, e a gente da casa pasmada para o que via. Diz o frade, provando o caldo:

– Está um bocadinho insosso; bem precisa de uma pedrinha de sal. Também lhe



daram o sal. Temperou, provou e disse:

– Agora é que com uns olhinhos de couve ficava que os anjos o comeriam.

A dona da casa foi à horta e trouxe-lhe duas couves tenras. O fradex limpou-as, e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panela.

Quando os olhos já estavam aferventados disse o fradex:

– Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; ele botou-o à panela, e enquanto se cozia, tirou do alforge pão, e arranhou-se para comer com vagar. O caldo chizirava que era um regalo. Comeu e lambuzo o beijo; depois de despejada a panela ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe:

– Ó senhor fradex, então a pedra? Respondeu o fradex:

– A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez. E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

Extraído de Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1885

Dramatização

O CALDO DE PEDRA

A partir do Conto Tradicional Português

Ato I

Cena I

Numa rua de casas pequeninas, caiadas de branco e com barra azul, tipicamente alentejana, com um calor forte, que adivinha o verão, caminha, devagar, um frade. De vestes simples, castanhas, um hábito típico dos franciscanos e de sandálias, com uma corda (ver o nome se é silício) e um alforge de couro. Barrigudo e pachorrrento, vai olhando de um lado para o outro, como que à espera de encontrar alguém. Limpa, de vez em quando, a testa com um lenço branco, grande. Respira fundo e tossa ruidosamente.

(Aparece à porta, para lançar milho ao chão, uma mulher, de avental e lenço na cabeça.)

Mulher – Pita, pita piiiitaaaaa! (lança o milho, olhando à volta e repara no frade, que cumprimenta) Bom dia, senhor.

Frade – Bom dia boa mulher. O dono da casa está?

Mulher- (chama o marido, aos berrros, dando a ideia de que se encontra no quintal.)– Maridooooooooo. Anda cá que está aqui um frade que te quer falar.

(O homem aparece à porta, de boina e camisa desfraldada, galochas, grande bigode e patilhas).

Homem – Ora bom dia, frzi. A que devo esta honra?

Frade – Bom dia, meu bom homem. Eu ando em peditório, pelas aldeias, como bom franciscano, sabzis vós bem. Nada tenho e apenas vos peço algo para comer. Estou chzínho de fome.

Homem – Pois aqui não temos nada. Tzrá que ir a outra porta.

Frade – (coçando a carzea) – Pois então eu vou ver se faço um caldinho de pedra.

Põe numa pedra do chão, sacode-lhe a terra e põe-se a olhar para ela para ver se é boa para fazer um caldo.

O casal põe-se a rir do fradex, de mãos na barriga, à gargalhada e comentam um com o outro em alta voz.

Homem – Para o que lhe havia de dar agora, hein?

Mulher – Deve ser por causa do calor, coitado. **Fradex** -
Então nunca comeram caldo de pedra? Só
lhes digo que é uma coisa muito boa.

Casal (em coro) - Sempre queremos ver isso.

Fradex – Não me arranjam uma pinguinha de água para lavar esta pedrinha?

Lava a pedra, devagar.

Fradex – Se me emprestassem aí um pucarinho com água.

A mulher traz uma panela de barro, com água que entrega ao padre.

O Fradex coloca a pedra dentro da panela e esfrega as mãos de satisfação.

Fradex (esfregando as mãos) – Agora se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas.

(A mulher traz um fogareiro com brasero e deposita no chão da rua.)

A panela começa a chiar, dando a entender que já está a levantar fervura.

Fradex – Ai que regalo, já começa a ferver. Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

A mulher traz um pedaço de unto. Esperam um pouco, conversando sobre as colheitas.

Fradex – O tempo está de feição este ano, para colheitas de trigo.

Lavrador (sorrindo e arranjando a boina) – Está sim senhor, com a graça de Deus.

Marido e mulher olham a panela, curiosos e dão cotovelada um ao outro, abanando as cabeças.

O fradex prova o caldo, lentamente.

Fradex (olha para o céu, como que definir o que falta) – Está um bocadinho insonso; bem precisa de uma pedrinha de sal.



A mulher vai buscar o sal e entrega-lho. O fradex tempera, prova e acrescenta:

Fradex (apontando com o indicador, para a cabeça, como se acabasse de ter a ideia)
– Agora é que com uns olhinhos de couve ficava que os anjos o comeriam.

Mulher – Não seja por isso. Vou à horta e já lhas tragos.

Traz duas couves que dá ao fradex. O fradex limpa-as, e ripa-as com os dedos deitando as folhas na panela.

Homem – Mas vossa senhoria anda há muito por estes lados? Não o reconheço?

Fradex (distraidamente) – Venho dos lados de África, onde fui em missão.

Mexe a panela e acrescenta:

Fradex - Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

A mulher traz-lhe um pedaço de chouriço; ele coloca-o na panela.

Pega no alforge que trazia e tira de lá um naco de pão.

Pega num banquinho de madeira que está ao lado da porta e prepara-se para comer.

Casal (em coro) - O caldo cheira que é um regalo.

Fradex – (aspira o aroma do caldo e come, devagar, abanando a cabeça, em sinal de aprovação). Sim, senhor.

Lambe o beijo, limpa a boca às vestes e retira a pedra no fundo da panela.

Marido e mulher olham-se, atónitos. E debruçam-se sobre a panela e o fradex, com curiosidade.

Homem - Ó senhor fradex, então a pedra?

Fradex (respirando fundo, satisfeito com a refeição) - A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez.

Narrador: E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1885 (Adaptação de excerto)